



UMA DISCUSSÃO HISTÓRICO-CULTURAL ACERCA DO FENÔMENO DA TIMIDEZ E SUAS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR.

Tatiane da Silva Pires Felix - PPGE da FCT/UNESP

Rafael Cesar Ferrari dos Santos - PPGE da FCT/UNESP

Rodrigo Lima Nunes - PPGE da FCT/UNESP

Agência Financiadora: Capes.

Resumo:

Este trabalho busca investigar a timidez, compreendendo-a como um fenômeno Histórico-Cultural, que se constitui a partir de uma síntese de múltiplas determinações e relações sociais. Compreende-se a timidez como um fenômeno contraditório em que os sujeitos encontram dificuldades em se relacionar com outros sujeitos, principalmente com aqueles que não conhecem ou quando se deparam com novas situações. Faz-se necessário ressaltar que tais sujeitos sentem medo de errar ou de serem humilhados e por isso, muitas vezes, preferem não se arriscar, o que pode resultar em um verdadeiro sofrimento psíquico. Este sofrimento tem se agravado no ambiente escolar, uma vez que, os alunos tímidos parecem passar despercebidos pelos profissionais escolares enquanto, muitas vezes, estão sendo alvo de preconceito e bullying pelos demais alunos. Preocupados com esse fenômeno e suas implicações na vida dos sujeitos, desenvolvemos este trabalho no sentido de discutir o que pesquisas científicas têm produzido e conceituado acerca da timidez e, o quanto é importante nos atentarmos para os sujeitos que sofrem calados na sociedade, sobretudo na escola.

Palavras Chave: Timidez, Teoria Histórico-Cultural, Desenvolvimento Humano, Educação Escolar.

Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...

— mas só esse eu não farei.

Uma palavra caída
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes...

— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,
entre os ventos taciturnos,
apago meus pensamentos,
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
os mundos vão navegando
nos ares certos do tempo,
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

Timidez (Cecília Meirelles)

Na poesia de Cecília Meirelles a timidez é retratada como um gesto não feito, uma palavra não dita, um sujeito incógnito a ser decifrado. O tímido é caracterizado como um sujeito com medo de se arriscar, que vacila ao falar ou, ao não falar. Que ao tentar esconder sua timidez não é bem sucedido e acaba por demonstrá-la, um sujeito que se inibe diante de alguém.

São por estes entraves, que costumamos acreditar terem sido desencadeados por nossa timidez, que inúmeros livros de auto-ajuda têm circulado entre as estantes de livrarias e bibliotecas, e mais recentemente, clínicas tem se aberto prometendo tratar a timidez, porém, por outro lado, encontramos uma verdadeira escassez no que se refere a pesquisas científicas e contribuições filosóficas acerca deste assunto.

Seria mesmo relevante investigar a fundo a timidez? Muitos afirmam ser a timidez uma simples característica da personalidade humana, outros a denominam como uma patologia psicológica. Mas afinal, o que é timidez? Quais suas implicações no psiquismo humano? E qual a atenção dada à timidez no plano educacional? Tentaremos refletir sobre estas questões no decorrer deste trabalho.

Buscamos nos basear na teoria histórico-cultural de desenvolvimento humano e por este motivo, acreditamos serem bastante relevantes as contribuições teóricas, filosóficas e metodológicas desenvolvidas por Vigotski. Tentaremos fazer um movimento semelhante ao do autor no que se refere a levantar as principais obras e contribuições já escritas sobre determinadas temáticas, buscando a superação por incorporação do que já foi produzido histórico-culturalmente. Por consideramos ser essencial este resgate histórico acerca do que se foi produzido e pensado sobre a timidez, iniciaremos por resgatar a descrição de autores que consideramos mais importantes acerca desta temática.

A timidez, como já dissemos, é uma temática de grande discussão social, principalmente no âmbito do senso comum ou de produções de livros de auto-ajuda, porém ainda pouco pesquisada cientificamente, sobretudo no que se refere a discutir o conceito de timidez e suas implicações no contexto da educação escolar.

Dentre as literaturas de auto-ajuda, não raro, podemos nos deparar com livros que prometem nos esclarecer o que é timidez, como superá-la ou vencê-la, geralmente estes livros estão voltados ao anseio de sucesso profissional, ou seja, em prometer ao sujeito tímido que aprenda a desenvolver qualidades de comunicação e liderança. Existem também aqueles que prometem ajudar aos pais a fazerem com que seu filho tímido deixe de assim ser, no sentido de orientá-los a fazer com que a auto-estima de seus filhos se eleve, ajudando-os na superação da sua timidez.

Tais literaturas têm por intuito orientar e dirigir os pensamentos e comportamentos dos sujeitos tímidos, ou de seus pais, para que os mesmos possam se sentir mais seguros, autoconfiantes em suas vidas. Embora tal tipo de literatura assuma uma linguagem de características científicas, algumas vezes, se restringem a especulações acerca do comportamento humano, tornando-se pseudocientíficas e com muitos elementos do senso comum, caracterizando-se muito mais como instrumentos teóricos de ilusão de que para conscientização e humanização das pessoas. Já no âmbito científico, são raras as produções que nos servirá de aporte teórico, principalmente no que se refere à obras nacionais, porém, traremos neste trabalho alguns dos que consideramos mais relevantes.

Concepções de timidez

Iniciaremos as discussões acerca do conceito de timidez com as contribuições de Casares e Caballo (2000) que identificam a timidez como um comportamento social retraído e passivo, que está possivelmente associado à inatividade, apatia, indecisão, insegurança, submissão, indiferença, lentidão, ansiedade, medo, pensamentos negativos, baixa auto-estima,

juízo negativo de si mesmo dentre outros comportamentos. Decorrente desse risco, os autores defendem que deve ser realizado um tipo de treinamento da conduta social dos tímidos, por meio de programas cognitivo-comportamentais, para que tais características possam ser mudadas.

Considerando essa perspectiva, o processo de intervenção junto ao sujeito tímido tem objetivo de ampliar as relações sociais que o indivíduo estabelece e, paralelamente, diminuir os comportamentos de isolamento, reduzir a ansiedade social e, conseqüentemente, investir na auto-estima, segurança, atividade, liderança e poder de decisão do sujeito. Nesse processo são valorizadas atividades de intervenção que enfatizam o treinamento de alguns fatores como o diálogo, a reafirmação de valores, fortalecimento da personalidade, assim como possibilitar o pensar positivo e seguro, através de técnicas modelagem e de relaxamento.

A pesquisa de Casares e Caballo (2000) utiliza da psicologia comportamental para lançar mão de técnicas para levar o sujeito agir, se comportar, no sentido de se adaptarem aos padrões postos na sociedade. Além do mais, lançam mão de uma enorme gama de características a serem enquadradas no conceito de timidez. Ao mesmo tempo que podemos pensar o quanto é difícil encontrar pessoas com todas estas características, como constituintes de sua personalidade, não é raro nos deparar com situações em que todos nós passamos por algumas destas problemáticas acima citadas.

Axia (2003) acredita que a timidez pode ser conceituada por um temor de falar diante de outras pessoas, porém, este medo é algo que não pode ser esquecido ou posto de lado pelo tímido, pois o faz sentir algumas sensações físicas como tremer, falar baixo e enrubescer. Ao mesmo tempo que luta para não ter tais sensações, desejaria simplesmente não perceber tudo isto. Portanto, a autora caracteriza a timidez como uma seqüência de sensações que envolve sentir um extremo medo em determinadas situações sociais, principalmente as diferentes, novas e desconhecidas; se concentrar neste medo e em suas reações fisiológicas e por último, ter vergonha por sentir este medo e de suas possíveis conseqüências. Segundo a autora, tal medo está enraizado em sua consciência, e daí vem o porquê de ser tão difícil controlar tais sensações.

Sobre as visões da psicologia clínica e da psiquiatria a respeito da timidez, Axia(2003) considera ser preocupantes, pois utilizam de efeitos que vão desde situações de medo do outro, até a situações de ataque de pânico e diferentes fobias. Porém a autora defende que a timidez é algo tão natural que pode ser comparado á características físicas como ter olhos azuis ou ter a pele negra, onde ter olhos azuis ou pele negra pode ser favorável ou não em determinadas situações, mas que é absolutamente natural. A autora afirma que o mesmo

ocorre com relação à timidez, a qual pode ser desfavorável, mas é natural e até mesmo saudável. Para a autora, a timidez é relacionada ao medo e desta forma, uma emoção importante para a manutenção da espécie. Acredita que algumas crianças nascem para ser tímidas, mas não serão pelo ambiente social a qual se constituem e que existem também crianças que não nascem com características tímidas, mas que poderão desenvolver esta característica.

Ressalta Axia(2003) que considera muito complicada a definição que se desenvolvido de timidez, no qual parece que todos podem ter a experienciado e ao mesmo tempo que é considerada uma doença psicológicas. Diz ser um equívoco o que vários pesquisadores têm feito ao conceituar a timidez em diferentes graus, desde um retraimento social até uma fobia ou ataques de pânico diante de situações sociais. Afirma ainda que a timidez não seja uma patologia a ser curada ou uma deficiência a ser superada, mas uma característica humana, da condição humana. O grande problema seria o fato de que a timidez parece ser um grande incomodo aos tímidos, já que temem a sua própria timidez.

Sobre esta confusão entre timidez e fobia social, Olivares (2002) defende que ambas são antiadaptativas no que se refere a compreender o comportamento do sujeito na sociedade. Afirma que a timidez ocasiona uma deteriorização das relações sociais em 13% dos casos, enquanto a fobia social causa certa diminuição no rendimento escolar. No que diz respeito à fobia social, identifica-se como uma doença de ordem psiquiátrica que tem por sintomas características muito parecidas às da timidez, e por este motivo, a timidez acaba sendo também vista de modo patologizante. Porém D'el Rey (2001) define a timidez como uma simples falta de confiança e de desenvoltura social, e que isto não causa danos ao sujeito, diferentemente da fobia social, que deve ser vista como um transtorno mental e por esta razão, ser tratada e medicalizada pois trata-se de uma psicopatologia.

Acreditamos que as características expostas pelo autor como sendo definitivas no diagnóstico da fobia social, são fatores muito próximos ao que podemos encontrar como conceito de timidez. D'el Rey (2001) afirma que se pode notar nos fóbicos sociais, uma excessiva preocupação em como será seu desempenho e conduta. Afirma ainda que, pode-se observar em todos eles o medo de cometer erros, como se cometê-los fosse levar por tudo a perder. Para o autor, os sujeitos fóbicos sociais não reconhecem o erro como parte do processo de aprendizagem, mas como uma característica negativa da sua maneira de ser e ver o mundo.

Em contrapartida Motta filho (1969, p.37) afirma que “a consciência da incapacidade, o medo do fracasso diante dos outros, o receio do juízo alheio, a preocupação de que vai errar

ou de que, acertando, não vai ser compreendido”, compromete significativamente a ação social do indivíduo tímido. Além disso, segundo o autor, o tímido entra em constante conflito diante de sua vontade de acertar, de ser escutado, de ser visto sem ser criticado e, na maioria das vezes, tais percepções subjetivas “constituem as notas mais vivas da sua timidez”.

A partir das definições acima, pode-se afirmar, portanto, que tanto a timidez quanto a fobia social, caracterizam-se por problemas de relacionamento social em determinadas situações, e por esta razão, torna-se um equívoco responsabilizar somente o sujeito que sofre com este tipo de comportamento e acima de tudo, torna-se cruel quando se encara tais sujeitos intimidados como sujeitos patológicos, transtornados e portadores de distúrbios os quais merecem tratamento medicalizante.

Motta Filho (1969) que defende que nem todos os seres humanos são tímidos, porém não exista quem nunca tenha vivenciado momentos de timidez. Dos sujeitos sofrem da timidez, acredita o autor que sofrem da timidez mesmo não tendo conhecimento a este respeito, e que regridem a infância no que se refere ao seu comportamento. Afirma ainda que a timidez é como um escudo para situações em que o sujeito teme ser diminuído e desconsiderado. Porém, para o autor, a timidez não é um estado permanente e constante, no entanto e por outro lado é muitas vezes inesperado. O autor discute ainda que a timidez pode ser considerada um benefício, assim como pode ser um prejuízo ao sujeito, e que em decorrência dessa dubiedade, deve ser tratada com cuidado no plano educacional. O autor defende que a timidez é constituinte de cada sujeito e essencial ao comportamento humano e que não deve ser “arrancada” do sujeito, mas que o educador deve aceitá-la e encaminhá-la para que não se torne irremediável. O autor ainda defende que o sujeito que perde a sua timidez, perde a alma (MOTTA FILHO, 1969).

Já para Lacroix (1970), a falta de segurança apresentada pelos sujeitos tímidos envolve certo medo ou preocupação de sofrer moralmente. Para o autor, o tímido, na maioria dos casos, receia não conseguir atingir as expectativas de sua família e amigos ou ser subestimado pelos mesmos, preferindo não se arriscar. Na maioria dos casos os sujeitos não se sentem seguros consigo mesmos e tão pouco com o seu grupo, muitas vezes sequer fazem parte de um grupo, retraindo-se a ponto de não serem sequer percebidos. O autor considera o tímido como aquele que tem um imenso desejo de viver, mas não consegue por uma questão de sentir-se orgulhoso. Em sua obra trás tópicos exemplificando o porquê considera o tímido como alguém infeliz, que vive a procura de seu eu, um sujeito pessimista, orgulhoso, mas que necessita de ser compreendido e admirado, pois, segundo o autor, a timidez que é a

responsável por seu sofrimento é a mesma responsável por seu sucesso. Este sucesso seria dado pelo fato do tímido se proteger de situações chamadas por ele de “vulgaridades sociais”.

De todos os pesquisadores acerca da timidez, Philip Zimbardo é hoje dos autores que discutem esta temática, o mais conceituado, tendo estudado sobre este comportamento a mais de 20 anos. Zimbardo e Henderson(2008) definem a timidez como um desconforto ou inibição vividos em situações sociais de maneira a prejudicar o sujeito em sua vida social e profissional. Os psicólogos a conceituam como um exagero no auto-foco do sujeito tímido que pode variar entre um pequeno desconforto em se relacionar socialmente até algo mais grave como a fobia social. Os autores ainda ressaltam que a timidez pode ser crônica, ou seja, fazer parte da personalidade do sujeito, ou disposicional, no qual os sujeitos experienciam situações de timidez, mas não a incorporam em seu auto-conceito. Os autores ilustram a timidez como sendo metaforicamente um encolhimento de volta a vida, o que enfraqueceria os laços de relações humanas.

De acordo com as pesquisas feitas por Zimbardo e demais pesquisadores de Universidade de Standford, de 1642 jovens entrevistados, 40% dos adultos nos Estados Unidos afirmaram ser cronicamente tímidos enquanto, 40% se declaravam que haviam sido tímidos em algum momento de suas vidas, porém não se consideram mais tímidos, 15% disseram ter se sentido tímidos em alguma situação em suas vidas e apenas 5% declaram não se considerar tímidos. Esta porcentagem, dos que se consideram cronicamente tímidos, tem subido ao decorrer das décadas, chegando, em nossos dias à 50%. A maioria destes afirmaram que a timidez geralmente é desencadeada por situações em que estão presente autoridades, situações de interação entre pares, entre pessoas de sexos opostos, ocasiões de intimidade, contato com estranhos, tomada de ação me grupo, dentre outras. Tais situações seriam, segundo Zimbardo e Henderson(2008), capazes de desencadear mudanças no âmbito cognitivo, afetivo, fisiológico e comportamental do sujeito. Dentre estas variações, estão citadas a inibição e passividade, aversão ao olhar, voz baixa, pouca expressão corporal, disfluência ao falar, aceleração cardíaca, boca seca, temulência, sudorese, náuseas, sentimentos de desmaio, pensamentos negativos, auto-avaliação negativa, perfeccionismo, ansiedade, auto-culpabilização, depressão, solidão, abatimento, tristeza, baixa auto-estima, vergonha, dentre outras. Os autores afirmam ainda que indivíduos que sofrem de timidez crônica podem freqüentemente desenvolverem tendências obsessivas e paranóicas.

Um dado coletado por Philip Zimbardo e Henderson, que considero importante é que em suas pesquisas, os americanos asiáticos se mostravam mais tímidos que os americanos judeus. Os pesquisadores supoem que isto se dê pela forma em que as duas culturas tratam o

sucesso e culpa pelo erro, no Japão todo sucesso seria resultante de um esforço de pais, treinadores, professores; enquanto a culpa se dá somente pelo e para o indivíduo. No Israel tudo isso se dá de forma totalmente inversa, o sucesso é considerado como um alvo atingido pelo próprio indivíduo e a culpa do erro se dá pelos demais. Zimbardo e Henderson(2008) ressaltam que ainda existam culturas que se utilizem da timidez como forma de controlar o comportamento dos sujeitos para que se mantenham submissos à autoridades.

Já Lund(2008) resalta que ao descrever ou tentar explicar o que seria a timidez, nos deparamos com diversos termos tais como introversão, comportamento retraído, depressão, comportamento inibido e ansiedade social. Afirma ainda a autora que de acordo com as pesquisas existentes sobre a temática, há quem descreva a timidez como uma experiência subjetiva, como uma síndrome psicológica podendo ser uma ansiedade social ou um comportamento social inibido, como um componente genético, como uma disposição temperamental ou como um comportamento visto de um ponto de vista social e situacional.

Explica Lund(2008) que realizou um experimento com 10 garotas em idade adolescente, de 15 à 18 anos de idade, que apresentavam tais tipos de comportamentos na escola, justifica a autora que utilizou somente de uma amostra feminina pelo fato de poucas pesquisas terem se preocupado com esta amostra, enquanto, segundo a autora, muitos estudos puderam comprovar que as garotas se preocupam mais em atender as exigências escolares, se tornando mais ansiosas, depressivas ou estressadas. De acordo com sua pesquisa, todas as 10 garotas relataram se sentirem invisíveis perante os demais na escola. Alguns dos depoimentos feitos foram que parecer invisível dói ou que imaginam que os demais só pensam coisas ruins sobre sua pessoa, além do mais, 7 das garotas acreditam que a culpa de toda esta situação seria do professor por não agir quando necessário em situações de bullying, ou por até mesmo causar situações de humilhação, muitas das entrevistadas afirmaram que acreditam que ninguém na escola realmente se importa com o que sentem.

Outra pesquisa que busca enfatizar o quanto a pessoa tímida pode sofrer é a realizada por Vieira(2010). A autora compartilha do mesmo referencial teórico que busco ancorar minha pesquisa, a teoria histórico-cultural, ou como definida pela autora, sócio-histórica. Vieira(2010) realiza uma pesquisa feita a partir do relato de vida de dois sujeitos tímidos, as quais chama de Luiza e Vinícius, utiliza também de sua própria história de vida, por se considerar uma garota que sofreu com sua timidez por toda a infância e adolescência. O que foi possível ser considerado pela autora é que em nenhum dos dois casos os sujeitos seriam portadores de uma timidez inata, porém que a adquiriram socialmente, primeiramente em contato com seus familiares e posteriormente, se manteve por meio das relações escolares.

Vieira (2010) afirma, portanto que a timidez é uma emoção dada ao medo de sofrer socialmente, ou seja, se faz uma condição humana constituída no decorrer da vida. O que segundo a autora, tem início nas relações familiares é atenuado na escola, onde, mesmo que, a primeira instância, sejam os tímidos considerados bons alunos pelos professores, são também os tímidos os alunos a serem chacoteados pelos demais alunos como sendo estranhos, ou os que estudam demais. Estas atitudes de bullying contra os tímidos seriam mais dolorosas pelo fato de estes serem sujeitos que não teriam coragem de denunciar a humilhação ou vergonha que tem sofrido.

A maioria das visões sobre a timidez aqui apresentadas são visões decorrentes da psicologia comportamental, da psicologia clínica e da psiquiatria, no entanto, este trabalho tem por intuito compreender a timidez a partir da perspectiva histórico-cultural, ou seja, procura assumir o fenômeno da timidez nas suas multideterminações biológicas, sociais e históricas. Procuramos compreender os comportamentos dos sujeitos tímidos, reconhecendo-o como sujeitos histórico-sociais, os quais, submetidos a situações de intimidação, próprias da sociedade de classes, podem lançar mão da timidez, para proteger-se das situações de opressão, controle e intimidação presente em determinada situação social.

O psiquismo e suas funções segundo a Teoria Histórico-Cultural.

Como podemos observar a maioria das definições de timidez a conceituam como uma característica do psiquismo humano. Para entendermos melhor o fenômeno da timidez se faz imprescindível nos debruçar sobre a formação e o desenvolvimento do psiquismo humano. Para tanto, nos ancoramos nas afirmações da teoria histórico-cultural que ressalta a relevância das relações interpessoais na formação do psiquismo humano, uma vez que tal teoria busca compreender o sujeito em sua interação com o mundo, interação esta mediatizada pelos objetos culturais criados pelos próprios homens. Dentre estes objetos podemos citar a fala, a comunicação interpessoal, os signos, símbolos e outras formas de linguagem cultural. É importante ressaltar que tais objetos, quando apropriados e objetivados pelo sujeito, possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e diferenciam o psiquismo humano do psiquismo animal (LEONTIEV, 1978; VIGOTSKY, 2001).

Não podemos falar do desenvolvimento do psiquismo sem antes nos atentar para o quanto o trabalho coletivo é condição primordial neste processo. É no trabalho coletivo que se

apresenta características diferenciadas para o processo de desenvolvimento humano, tendo em vista que o trabalho se diferencia da atividade biológica natural, uma vez que é constituído de ações e objetivos conscientes, não mais responde às necessidades imediatas como acontece no caso dos animais. Por ser coletivo, o trabalho humano, engendra o uso de mediações, dentre elas a linguagem, signos e símbolos, dentre outras (LURIA, 1991).

Pelo fato de tal ação (trabalho) se manifestar num coletivo humano, torna-se necessário criar condições de se transmitir determinadas informações que organizam o trabalho em grupo. Os primeiros sons comunicativos nos primórdios da civilização humana, com significados sociais, foram emitidos para designar determinados objetos, comportamentos e ações presentes na atividade de trabalho. Tais sons, para serem compreendidos, são indissociados da atividade prática e, nesse processo, os signos, símbolos e linguagens, vão ganhando significados sociais (LURIA, 1991).

Esta condição em que a linguagem é compreendida na ação, permeou por muitos milênios as relações sociais nos grupos humanos e ainda permeia, no entanto, é importante salientar que esta comunicação começa a se separar da ação prática, a medida que a linguagem surge como um sistema de códigos independentes que possibilita designar objetos, construir representações e abstrações, pensamentos e consciência (LURIA, 1991)

Segundo Luria(1991), é pelo fato da linguagem se desprender da ação prática, cria-se a abstração, o pensamento, e nesse processo, a linguagem possibilita ao homem assimilar a experiência da humanidade e se apropriar de inúmeros tipos de conhecimentos, habilidades e comportamentos, porém, nada disto é possível sem que o sujeito se encontre em vida social, em um coletivo.

Para Vigotski (2001) o emprego dos signos marca o momento em que o indivíduo se liberta de seus limites orgânicos e avança no sentido da construção simbólica da realidade. Somente a partir da compreensão da essência social do homem e de sua relação diferenciada com a natureza, em que sujeito e objeto se transformam mutuamente, é que se pode compreender a origem e o desenvolvimento da regulação do comportamento, regulação esta que envolve todo um sistema de signos e significados construídos na cultura. Compreendemos, portanto, que é a partir da relação linguagem-pensamento que poderemos reconhecer o processo de construção social do psiquismo humano o qual, segundo Vigotski (2001), se estrutura, inicialmente através da função compartilhada com outros sujeitos (interpsíquicas) e, posteriormente, como função internalizada do próprio sujeito (intrapsíquica).

Segundo Luria(1987, p.95), no início, a criança se subordina à instrução verbal do adulto e em etapas seguintes, tem condições “de transformar esta atividade interpsicológica em um processo interno, intrapsíquico de auto-regulação”. Posteriormente, a criança começa a utilizar sua própria linguagem externa para realizar uma ação, linguagem essa (externa) que se interioriza, transforma-se em linguagem interna, que passará a regular a conduta da própria criança. É desta forma, que surge a ação voluntária e consciente da criança, a qual é mediada pela linguagem social (LURIA, 1987).

Compreende-se, portanto, que o desenvolvimento do psiquismo humano está intimamente relacionado ao processo de relações interpsíquicas (aquelas realizadas com o outro), pois é nesse momento que o signo é utilizado como um meio para dominar, dirigir e orientar as ações humanas. Para a teoria histórico-cultural, somente a partir desse processo de inter-relações psíquicas que o sujeito irá realizar a interiorização dos signos veiculados no plano social e construir seu psiquismo e sua personalidade (VIGOTSKY, 2001; LURIA, 1987).

Toda esta história das funções especificamente humanas, mencionadas ao longo deste trabalho, foi construída a partir das interações e comunicações estabelecidas em sociedade, com outros sujeitos e com o mundo dos objetos materiais e simbólicos, criados pelo próprio homem. Este fato reafirma a importância da cultura, das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano (LEONTIEV, 1978).

Esses pressupostos da Teoria histórico-cultural possibilitam afirmar que a natureza do psiquismo humano representa uma síntese das relações construídas em sociedade, as quais são interiorizadas pelo sujeito e convertidas em órgãos de sua individualidade. É nessa perspectiva que esse projeto se dispõe a compreender os alunos que apresentam características tímidas na escola, ou seja, enquanto sujeitos em processo de desenvolvimento que vivem processos de internalização dos conteúdos sociais.

Popularmente acredita-se que a timidez é uma característica própria da personalidade humana, que é algo interno, que nasce com o sujeito e não sofre modificações. No entanto, segundo a teoria histórico-cultural, a personalidade humana é constituída nas relações sociais e a partir das atividades que os sujeitos realizam ao longo de sua vida. Isso implica afirmar que a personalidade, segundo Martins (2005), é fruto do desenvolvimento histórico-social do homem, é constituída na relação com outras pessoas, pelas oportunidades encontradas ao longo de sua vida.

A autora conclui que a personalidade deve ser compreendida no âmbito das relações sociais; isso implica afirmar que a personalidade do sujeito tímido, da mesma forma que é

construída socialmente, poderá ser “desconstruída”, transformada a partir das relações interpessoais e, nesse sentido, um trabalho na escola pode ser decisivo nesse processo de transformação (MARTINS, 2005).

A partir destes pressupostos da teoria histórico-cultural sobre a construção do psiquismo e da personalidade é possível reafirmar que o comportamento do sujeito tímido apresenta-se como um comportamento aprendido socialmente, o qual pode ser utilizado pelo sujeito, como um mecanismo diante das diversas situações que encontra na escola, dentre elas, situações intimidadoras, que causam medo, ansiedade e insegurança.

O tímido e o sofrimento psíquico

Retomamos aqui as questões apontadas por Vieira(2010) e Lund(2008) que nos remetem ao quanto o sujeito tímido parece sofrer, principalmente no que se refere ao ambiente escolar, onde muitas vezes sofrem situações de preconceito e bullying. Este sofrimento, muitas vezes pode se agravar pelo fato do sujeito tímido não ter coragem de pedir ajuda, de expor suas “fraquezas”, e portanto acaba passando por situações de sofrimento psíquico. Além do mais, os alunos tímidos geralmente são aqueles que passam despercebidos pelos profissionais da escola, por não fazer parte dos alunos considerados “indisciplinados”, portanto, muitas vezes, não lhes é dada a devida atenção. Neste sentido, acreditamos ser imprescindível garantirmos a discussão acerca do fenômeno da timidez e do sofrimento psíquico por ela proporcionado no ambiente escolar.

Podemos notara que na sociedade contemporânea costuma-se rotular o sujeito de tímido, como se essa característica fosse algo natural do indivíduo ou de sua incapacidade de falar, no entanto, como afirma Jodelet (apud Sawaia, 2002) tal atitude rotuladora, culpabiliza somente o sujeito tímido, e pode acabar por gerar algum tipo de preconceito. Desta forma, estudos que buscam somente caracterizar os comportamentos do indivíduo tímido ou mensurar o nível de timidez nele encontrado, não possibilitarão a superação desta dificuldade, pelo contrário, continuam impondo ao próprio indivíduo a responsabilidade pela sua característica individual.

Lane (2004 p. 15) ao defender que os estudos da psicologia e a psicologia social devem ser compreendidas em uma perspectiva histórica, afirma que “se a psicologia apenas descrever o que é observado ou focar o indivíduo como causa e efeito de sua individualidade, ela terá uma ação conservadora, estatizante – ideológica – quaisquer que sejam as práticas decorrentes”. Ou seja, pode-se observar que a psicologia, muitas vezes, imprime ao caráter do próprio sujeito suas ações, busca respostas para seus problemas no seu

interior, sobre isto, as considerações da autora se fazem importantes, pois, uma psicologia que não considera o ser humano histórico, é uma psicologia ideologizante e de caráter positivista, uma vez que acaba por naturalizar determinados tipos de comportamento humano. A autora continua por ressaltar que alguns tipos de ciência, bem como a psicologia, tentam explicar a realidade de maneira a naturalizá-la como ela é, e que quando apenas descreve-se o observado, ou explica-se o indivíduo como produto de sua individualidade, acaba por se gerar uma ação estatizante, que não contribui para enxergar o indivíduo como produto e produtor da sociedade, de sua vida e das suas ações em sociedade.

Nosso intuito é discutir neste trabalho, o comportamento do sujeito tímido, como de um ser humano que teme ser repreendido ou humilhado diante de outros. Isto se dá pelo fato de existir na sociedade contemporânea uma busca incessante por resultados imediatos e performances individuais, nos quais, muitas vezes os sujeitos acabam por se protegerem contra situações de opressão, discriminação e exclusão pela via do grito, da contestação, organizando-se em movimentos transformadores, no entanto muitos outros se submetem, se permitem silenciar por situações de intimidação, como forma de se sentirem incluídos, como é o caso dos sujeitos tímidos na escola.

No que se refere a exclusão, Sawaia (2002) declara que existem vários estudos que utilizam do conceito de exclusão, porém, na maioria dos casos não se é entendido o significado deste termo. Isto se dá pelo fato de se utilizar de análises unilaterais e reducionistas, que visam uma determinada característica em detrimento das demais, assim se considera a exclusão como sinônimo de pobreza ou discriminação, deixando de se pensar na injustiça social decorrente do sistema econômico e político atual.

Para a autora, a exclusão se apresenta três dimensões: objetiva, resultante da desigualdade social; ética, resultante da injustiça e subjetiva, resultante do sofrimento. No que se refere aos tímidos, pode-se afirmar que estes sofrem de uma exclusão subjetiva que lhe causa sofrimento. Para autora “é o indivíduo que sofre [exclusão], porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente” (SAWAIA, 2002, p.99).

Portanto, podemos dizer que é o sujeito que sofre com a timidez, porém não é ele o responsável por sua situação social e capaz de, por si mesmo superá-la. É o indivíduo que sofre com a intimidação própria da sociedade de classes, alienada e excludente ou seja, esse sofrimento é vivido por ele (pelo sujeito tímido) mas não tem gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente, as quais se apresentam desiguais, assimétricas e excludentes.

Algumas considerações

Acreditamos ter sido possível debater durante este trabalho as três principais questões que levantamos no início deste texto. Gostaríamos de ressaltar a partir do levantamento de literatura aqui realizado, o quanto a temática da timidez necessita ser estudada, pesquisada e vista com mais cuidado, levando em consideração a verdadeira escassez de pesquisas, principalmente nacionais, que estejam se preocupando em estudar o conceito de timidez e as implicações deste fenômeno nas escolas.

Trouxemos aqui algumas definições de timidez, mas não acreditamos poder afirmar ao certo o que é timidez, uma vez que os conceitos utilizados para explicar este fenômeno se mostraram um tanto quanto abrangentes, contendo inúmeros adjetivos que seriam próprios da timidez. Ao buscar o significado do conceito de timidez em um dicionário é possível encontrar inúmeros adjetivos, que seriam próprios do sujeito tímido tais como: aquele que tem temor; assustado, medroso, receoso, sem coragem, que não tem desembaraço, acanhado, incerto, débil, dúbio, fraco. Ou seja, o conceito de timidez se aproxima a uma imagem cheia de adjetivos complexos, daquele que não tem habilidades em se relacionar com os demais. Mas quantos de nós já nos deparamos com situações em que não soubemos como agir e sentimos medo, insegurança, vergonha ou embaraço? Quantos de nós já dissemos ser tímidos? Porque nos consideraríamos tímidos? Estas são perguntas que acredito serem de fundamental importância, mas que não temos, neste momento, condições de responder.

Notamos também que é por meio das relações sociais e da linguagem como mediadora que o sujeito se constitui, que desenvolve seu psiquismo, portanto, podemos afirmar que é nestas relações que o sofrimento psíquico vivido pelo tímido tem sua base, e é também por meio destas relações, que esta sua condição pode ser transformada. Não defendemos aqui que a “culpa” da timidez é do próprio sujeito e que, por esta razão, este necessita de transformar sua personalidade. Mas pensamos ser necessário discutir o quanto situações opressoras e intimidadoras são capazes de produzir verdadeiro sofrimento nestes sujeitos, considerados tímidos.

Ainda está na memória da maioria dos brasileiros, dois casos que vieram a ser divulgados pela mídia envolvendo sujeitos considerados tímidos, o ambiente escolar, assassinato e suicídio, sendo um destes considerados tímidos, um garoto de apenas dez anos. Relatos de professores, amigos e parentes de ambos os sujeitos nos indica que poderiam estar

sofrendo, ou terem sofrido, situações opressoras e intimidadoras na escola, porém, seu sofrimento psíquico parece não ter sido devidamente apercebido ou levado a sério.

Não é a toa que enfatizamos aqui o quanto o ambiente escolar é capaz se ser um potencializador das dificuldades vividas pelos sujeitos tímidos. Percebemos que a escola se encontra em um sistema, no qual, seus profissionais muitas vezes, acabam por se ocupar em conter os sujeitos “indisciplinados” e não têm condições de se atentarem àqueles que sofrem calados.

Portanto, queremos finalizar esta discussão por reafirmar a importância de se olhar para os sujeitos oprimidos na escola, sejam eles sujeitos meninos ou meninas, negros ou brancos, deficientes ou não, tímidos, hiperativos, disléxicos, ansiosos, dentre outros e outras que se apresentam a escola, para que num movimento consciente e coletivo, possam ser criadas condições de desenvolvimento multilateral desses sujeitos, os quais, têm direito a educação de qualidade tendo em vista sua humanização e, para isso, é importante enfrentar as situações opressoras e intimidadoras presentes na sociedade contemporânea e que se reproduzem no interior das escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXIA, G. **Timidez: Um dote precioso do patrimônio genético humano**. São Paulo: Paulinas: Layola, 2003

CASARES E CABALLO, A timidez infantil, In: SILVARES, E. **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil**, 2000.

D'EL REY, GJF. (2001) - **Fobia social: mais do que uma simples timidez**. Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar 5: 273-276

LACROIX, J. **Curso de orientação educacional: Timidez e adolescência**. 1. ed. Editora e distribuidora Livrosbras LTDA, 1970.

- LANE S. T.M **A Psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia.** In LANE, S. T. M; CODO, V. *Psicologia Social: o homem em movimento.* São Paulo: brasiliense, 2004.
- LUND, I. **‘I just sit there’:** shyness as an emotional and behavioural problem in school. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 8, 2008.
- LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa / Portugal: Horizonte universitário, 1978.
- LURIA, A R. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____. **A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais.** In: *Curso de Psicologia Geral: Introdução Evolucionista à Psicologia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. Vol.I, p.71-84.
- MARTINS, Lúcia . **A brincadeira de papéis sociais e a formação da personalidade.** Campinas: Autores Associados, 2005.
- MOTTA FILHO, Cândido **Ensaio sobre a timidez.** São Paulo: Livraria Martins editora S.A., 1969.
- OLIVARES, J. **Timidez y fobia social em niños y adolescentes:** um campo emergente. *Psicología Conductual*, vol.10, Nº 3, 2002, pp. 523-542.
- SAWAIA, B. (org.) **As artimanhas da exclusão - Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 4ª ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 2002.
- VIEIRA, M.B. **Timidez e exclusão/inclusão escolar:** um estudo sobre identidade. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ZIMBARDO, P. e HENDERSON, L. **Encyclopedia of Mental Health.** (in press) Academic Press, San Diego, CA, 2008 in: <http://www.shyness.com/encyclopedia.html#III>, Acessado em 27/02/2012.